

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA (PEC): NOSSA EXPERIÊNCIA - NOSSA REFLEXÃO

THE CONTINUED EDUCATION PROGRAM (PEC): OUR EXPERIENCE - OUR REFLECTION

Luiz Roberto Vasconcelos BOSELLI¹
Arlêta Nóbrega ZELANTE²

RESUMO

O presente texto é um breve relato das experiências vividas por dois coordenadores e professores da Faculdade de Filosofia e Ciências do Campus de Marília, no Projeto de Educação Continuada da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, em convênio com as Universidades Públicas. Os objetivos do trabalho podem ser assim explicitados: refletir sobre a formação continuada a partir de alguns referenciais teóricos; mostrar o papel das Delegacias de Ensino na operacionalização das propostas e levantar as dificuldades enfrentadas pelos docentes da rede estadual de ensino no seu dia-a-dia escolar. Como conclusão, o texto apresenta algumas considerações que poderão contribuir para a elaboração conjunta de propostas de formação do professor em exercício, que passam necessariamente pela construção do Projeto Pedagógico de cada instituição escolar.

Palavras-chave: *formação continuada, profissional reflexivo, cotidiano escolar.*

ABSTRACT

This paper is a brief account of two coordinators' experiences at the Continuous Training Project of the Secretary of Education of the State of São Paulo with formal agreement with public Universities. The two coordinators are also teachers at the Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília. The purposes of the study may be fully expressed as follow: to reflect about the continuous training having as starting-point some theoretical references; to

⁽¹⁾ (UNESP - Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília, Departamento de Fonoaudiologia, Professor Assistente)

⁽²⁾ (UNESP - Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília, Departamento de Didática, Vice-diretora da Faculdade; Professor Assistente Doutor).

indicate the role Commissions of Instruction should play in order to operate the proposals, and to raise the difficulties faced by teachers of state schools in their daily routine work. In conclusion, some considerations are put forward, wich may contribute to work out all together training proposals for teachers two still practice, wich inevitably entails the elaboration of a Pedagogic Project by each school.

Keywords: *continuous training, reflective professional, day by day at school.*

“Não há ensino de qualidade, nem reforma educativa, nem inovação pedagógica, sem uma adequada formação de professores. Esta afirmação é de uma banalidade a toda a prova. E no entanto, vale a pena recordá-la num momento em que o ensino e os professores se encontram sob o fogo cruzado das mais diversas críticas e acusações” (Antônio Nóvoa).

Quando das primeiras reuniões para as definições do convênio entre Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (S.E.E.) e a Universidade Estadual Paulista (UNESP), tínhamos muitas dúvidas e questões sobre a proposta, mas todos na Universidade tinham uma certeza: não iríamos ou não retornaríamos à Rede para ministrar “cursinhos” (muito menos levar poções mágicas para os males que afligem a escola pública e sua população), e depois retornar ao mundo acadêmico sem ter estabelecido vínculos ou parcerias que desencadeassem alguma continuidade.

Entendíamos na ocasião, como agora, que apenas através de um trabalho conjunto entre as Instituições envolvidas poderíamos começar um processo efetivo de ação/reflexão/ação. Dentro dessa perspectiva, a Universidade atuaria como parceira na busca de caminhos que desencadeassem processos, os mais variados possíveis, visando um “levanta sacode a poeira e dá a volta por cima”. Felizmente encontramos pessoas/profissionais em várias Delegacias de Ensino e Escolas que compartilham desse entendimento.

Passado um ano e meio, vivenciando este trabalho, entendemos que é válido apresentarmos **o quê pensamos, por onde andamos, o quê fizemos, o quê encontramos e quais as nossas conclusões**. Acreditamos, assim, que estaremos contribuindo para a (re)elaboração de propostas que visem a melhoria do ensino público.

O quê pensamos

A formação continuada dos profissionais do magistério vem sendo tratada, já há algum tempo, por todos aqueles que se interessam e se preocupam com a questão educacional, constituindo uma dimensão importante desse processo.

Desde o I Congresso de Águas de São Pedro, promovido pela UNESP, por exemplo, esse é um dos temas discutido em um dos Grupos de Trabalho específico, que ampliou suas ações, a partir do III Congresso constituindo um Fórum permanente de discussões, como se pode constatar no relato apresentado no texto gerador do IV Congresso “Gestão Democrática, Política Pública e Educação Continuada” elaborado por Collares (1996: 65), resultante de discussões do referido Grupo de Trabalho.

O texto mostra, dentre outras coisas, os avanços e os recuos de autoridades governamentais na concretização de uma política pública que estabeleça diretrizes e delineie ações que permitam tornar a escola o espaço de troca de experiência e de reconstrução de novos conhecimentos e pelos profissionais do

magistério. Esse movimento, entendendo esse profissional como um intelectual autônomo em processo contínuo de formação, tem insurgido em oposição à visão técnica racional que vem marcando o trabalho e a formação dos professores nos últimos tempos.

A nossa compreensão desde o início foi a de que deveríamos, para elaborar os programas e para realizar nossas atividades, antes de mais nada buscar referências teóricas para fundamentá-las.

Num primeiro momento apontamos, como faz Marin (1990: 114), para o pressuposto básico da educabilidade do ser humano, que somente a partir dos últimos anos, aparece de modo sistemático e formal nos discursos e como temas de pesquisa, tendo em vista a rápida evolução que caracteriza o mundo moderno.

A dinâmica de produção de conhecimentos, a necessidade de interação com jovens e a rapidez das transformações sociais, requerem dos professores um processo contínuo de formação. Professores que estejam direcionados para uma prática crítico-reflexiva, questionando de modo (re)construtivo a sua ação, entendendo-a inserida na realidade com a finalidade de transformação social. Sua posição diante da prática docente é de que ela é uma dimensão da prática social, que pressupõe a unidade teoria e prática.

Nossas buscas no sentido de explicitar e fundamentar nossas ações nos encaminharam para as novas tendências investigativas na formação do professor que apontavam para um novo profissional do magistério: o professor reflexivo, isto é, aquele que faz da reflexão sistemática sobre sua prática o processo contínuo de (re)elaboração e (re)construção dos seus saberes e dos seus fazeres. Pensar portanto na formação desse profissional, significa pensá-la como um *continuum*, da formação inicial à continuada.

Para Nóvoa (1995: 25), a formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um

pensamento autônomo que facilite as dinâmicas de auto-formação participada. E continua o autor: *“estar em implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional”*.

Nóvoa, citando Nias (1991), chama a atenção para o fato de que “o professor é a pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor”. É urgente por isso “(re)encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriarem-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro de suas histórias de vida” (1995: 25).

Entendemos que a formação não deva apenas ser vista como um processo acumulativo de cursos, de técnicas e de conhecimentos mas sim que seja o resultado de um processo de reflexão crítica contínua sobre as práticas e de construção permanente, justificando o investimento na pessoa, valorizando o saber da experiência.

Diante disso é de fundamental importância em um programa de melhoria da qualidade do ensino, voltar os olhos para o *locus* do seu trabalho: a escola, pois como enfatiza Garcia (1995: 53-4), formação continuada é aquela

“onde se destaca o valor da prática como elemento de análise e reflexão do professor ... uma formação contínua centrada na actividade quotidiana da sala de aula, próxima dos problemas reais dos professores, tendo como referência central o trabalho das equipas docentes, assumindo, portanto, uma dimensão participativa, reflexiva e activa/investigadora”.

Por onde andamos

A partir do momento em que as diferentes Delegacias de Ensino tomaram conhecimento

da proposta da Secretaria da Educação e da nossa disponibilidade em desenvolver atividades junto aos professores do ensino fundamental e médio da rede estadual, nos procuraram colocando suas prioridades, seus interesses, ligados principalmente às defasagens na formação dos profissionais do magistério.

O Campus da Unesp de Marília, que está situado no oeste do estado de São Paulo, atuou e vem atuando nas seguintes localidades:

Na 1ª fase atendemos 07 Delegacias de Ensino: Garça, Lins, Marília, Paraguaçu Paulista, Penápolis, Ourinhos e Tupã.

Na 2ª fase atendemos 04 Delegacias de Ensino: Tupã, Marília, Garça e Penápolis.

Na 3ª fase atendemos 08 Delegacias de Ensino: Andradina, Araçatuba, Garça, Marília, Penápolis, Presidente Prudente, Regente Feijó, Tupã.

Na 4ª fase atendemos 10 Delegacias de Ensino: Presidente Prudente, Marília, Andradina, Tupã, Penápolis, Garça, José Bonifácio, Araçatuba, Pereira Barreto e Regente Feijó.

O quê fizemos

A partir dos contatos estabelecidos com as Delegacias de Ensino e em razão das solicitações recebidas, elaboramos as nossas propostas de trabalho que desta maneira foram desenvolvidas:

Na 1ª fase, tivemos 51 docentes envolvidos, atendendo 85 turmas, desenvolvendo 09 Modalidades (Tópicos de Políticas e Gestão – Fundamentos da Educação: Dimensões Filosóficas, Sociológicas e Metodológicas e as propostas curriculares – Ensino de Ciências de 1ª a 8ª séries – Metodologia do Ensino numa abordagem interdisciplinar – Metodologia de História e Geografia: uma abordagem interdisciplinar – Construindo a Identidade da Escola – Curso de Mediação da Informação e da Leitura – Ensino de Matemática – Compreensão e Produção de Texto).

Na 2ª fase, tivemos 26 docentes envolvidos, atendendo 47 turmas, desenvolvendo 07 Modalidades (Ensino de Ciências de 1ª a 8ª séries – Metodologia do Ensino numa abordagem interdisciplinar – Metodologia do Ensino de História e Geografia: uma abordagem interdisciplinar – Construindo a Identidade da Escola – Ensino de Matemática – Globalização e Educação no Terceiro Mundo – O Jornal na Sala de Aula).

Na 3ª fase, tivemos 39 docentes envolvidos, atendendo 52 turmas, desenvolvendo 12 Modalidades (Tópicos de Política e Gestão Educacional – Ensino de Ciências de 1ª a 8ª séries – Construindo a Identidade da Escola – Metodologia do Ensino de História e Geografia: uma abordagem interdisciplinar – Ensino de Matemática – As Abordagens lingüísticas e a produção do texto – Globalização e Educação no 3º Mundo – O Jornal na sala de aula – Trabalhando as Dificuldades de Aprendizagem em sala de aula – Oficina de Dinâmicas e Jogos para Grupos – A LDB 9394/96: história e implicações na realidade escolar – Direitos Humanos e Cidadania).

Na 4ª fase, tivemos 25 docentes envolvidos, atendendo 57 turmas, desenvolvendo 08 Modalidades (Tópicos de Política e Gestão Educacional - Ensino de Ciências - Construindo a Identidade da Escola – A poesia na sala de aula - Ensino de Matemática - Globalização e Educação no 3º Mundo - O Jornal na sala de aula - Trabalhando as Dificuldades de Aprendizagem em sala de aula).

É importante ressaltar que as ações desenvolvidas em cada fase pressupunham a continuidade na mesma fase ou em fases posteriores.

O quê encontramos

A respeito das Escolas Públicas, pelas quais passamos, tivemos a oportunidade de colher opiniões, em sua maioria, que revelaram o isolamento social dessas Instituições. Essa situação apenas é alterada momentaneamente

quando, por necessidades emergenciais, a Escola recebe atenção de outras organizações sociais para o desenvolvimento de ações pontuais. Associado a esse panorama percebemos prédios desgastados nos quais crescem muros e grades. A tentativa parece ser a de proteger o Patrimônio Público da ação de atores sociais classificados simploriamente como "vândalos", que hoje já se encontram em toda parte. Entretanto, é no espaço interior dessas Escolas que a violência cada vez mais ganha terreno. E nos parece que é nas Relações Interpessoais que ela tem encontrado solo mais fértil, pois são inúmeros os relatos que mostram fatos que nos indicam que estamos vivenciando uma nova pré-barbárie.

No processo de operacionalização das propostas o ambiente de trabalho encontrado nas escolas se mostrou bastante diversificado. Creditamos essa diversidade ao fato de que algumas Delegacias de Ensino, revelando-se organizadas e preparadas, facilitaram as nossas ações. Entretanto, outras não apresentaram as mesmas características, o que dificultou sobremaneira o desenvolvimento dos nossos trabalhos.

No que diz respeito aos professores, inicialmente os primeiros contatos foram preocupantes, pois predominava uma certa desinformação referente à proposta do Programa de Educação Continuada. Em algumas turmas, por sermos identificados erroneamente como representantes da SEE, vivenciamos um explícito clima hostil.

Em razão dessa situação notamos que em sua maioria os professores apresentaram-se **desconfiados** em relação a proposta do Programa de Educação Continuada. Assim colocaram como temática das queixas verbalizadas as questões relacionadas a convocação de última hora, os mandos e desmandos acontecendo verticalmente e a informação não chegando ou chegando fragmentada.

Declararam-se **desmotivados** diante da realidade da profissão e as principais queixas apresentaram como tema os baixos salários, as dúvidas sobre o plano de carreira e as

problemáticas situações criadas pela atribuição de aulas.

Mostraram-se **desanimados** com a construção da baixa auto-estima social do profissional/professor, alegando que vivenciam e percebem claramente a deterioração do valor social da profissão e da educação como um todo.

Perceberam-se indignadamente **desolados** frente ao aumento da violência no âmbito da escola, o sentimento de falta de orientação especializada e de solidão são os mais marcantes.

Admitindo que também se encontram mergulhados nas angústias existenciais do homem pós-moderno, para o qual predomina o sentimento de impotência perante a realidade, reconheceram-se **desmobilizados** enquanto categoria profissional.

Esses cinco "des" expõem um quadro cuja paisagem é pintada com cores depressivas. Entretanto, apesar de tudo, o professor declara textualmente que gosta de ensinar e visualiza que no mínimo o Programa de Educação Continuada contribui com paradas necessárias para a realização de reflexões sobre a dinâmica escolar e o fazer didático/pedagógico.

Nossas conclusões - subsídios para uma continuidade

Para que um programa de formação continuada possa colaborar com a melhoria da qualidade de ensino é preciso tomar como referência o profissional do magistério no seu local de trabalho: a escola. Segundo Azanha (s.d., p.8), "a escola pública é uma instituição social muito específica com uma tarefa de ensino eminentemente social, e por isso mesmo, exigiria um esforço coletivo para enfrentar com êxito suas dificuldades porque essas dificuldades são antes institucionais que de cada professor".

A partir dessa colocação apresentamos algumas considerações que podem trazer contribuições para uma proposta de um Programa de Educação Continuada:

- a necessidade de que a Escola seja inserida em uma rede de apoio formada pelas Associações de Bairro, Sistema de Saúde e instituições de Segurança para que possa participar de programas com objetivos educacionais continuamente, e não como objeto de ações isoladas e pontuais;
- a concretização e continuidade de parcerias que possam contribuir com a Escola na construção de respostas para as questões contemporâneas;
- a revalorização do professor através de uma política objetiva que de fato recupere salários, carreira meritória e a auto-estima social;
- a implantação de medidas que favoreçam a fixação do professor na escola, pois a situação atual é um complicador quando pensamos no processo do trabalho coletivo que passa pela constituição de grupos de trabalho que se tornem equipes de trabalho;
- fortalecimento da prática democrática em todos os níveis do sistema educacional.

Essa prática democrática passa pela questão da autonomia escolar e de seu desdobramento num projeto pedagógico, que segundo Castoriadis (apud Azanha, s.d.: 3) é a "intenção de uma transformação do real guiada por uma representação do sentido dessa transformação e levando em conta as condições dessa realidade".

Sobre esse tema é necessário, a nosso ver, fazer referência à Lei nº 9.394/96 que estabelece o vínculo entre autonomia escolar e projeto pedagógico. Nos seus artigos 12 e 13 a legislação incumbe a escola da elaboração e execução da proposta pedagógica que deve ser uma tarefa coletiva com o envolvimento de professores, outros profissionais da educação e das comunidades escolar e local.

Finalmente, mas não menos importante, é preciso enfatizar que:

"A autonomia da escola numa sociedade que se pretenda democrática é, sobretudo, a possibilidade de ter uma compreensão própria das metas da tarefa educativa numa democracia. Sem essa possibilidade, não há como falar em ética do professor e em ética da escola, e sem isso, a autonomia deixa de ser uma condição de liberdade e pode até ser facilitadora da opressão". (Azanha, s.d.: 4).

Assim, qualquer programa de formação continuada deve ser entendido como formação em exercício, com valorização da experiência de cada um, através de um trabalho em equipe com a aceitação das diferenças, num processo contínuo de reflexão na e sobre a prática.

Bibliografia

- AZANHA, José Mário Pires. *Proposta pedagógica e autonomia escolar*. São Paulo: FEUSP, s.d. 10p. (mimeogr.).
- COLLARES, Cecília A. Lima. Gestão democrática, política pública e educação continuada. In: *Congresso Estadual Paulista Sobre Formação de Educadores. Formação do Educador - Dever do Estado*, Tarefa da Universidade, 4, 1996, Águas de São Pedro. *Anais...* São Paulo: Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa/UNESP, 1996. p.65-9.
- GARCIA, Carlos Marcelo. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In: NÓVOA, Antonio (Coord.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.
- MARIN, Alda Junqueira. Educação continuada: sair do informalismo? In: *Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores- Rumo ao século XXI*, 1, 1990, Águas de São Pedro. *Anais...* São Paulo: Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa/UNESP, 1990.
- NÓVOA, Antonio (Coord). *Formação de professores e profissão docente*. In: *Os professores e sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.